

ARTIGORecebido em:
13/10/2014Aceito em:
01/04/2015

Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 20, n. 42, p. 44-62, jan./abr., 2015. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2015v20n42p44

Usuário da informação nas revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação: mapeamento da produção científica de 2001 a 2013

Information user in Library and Information Science journal: mapping of the scientific production between 2001 and 2013

Maria de Jesus NascimentoUniversidade do Estado de Santa Catarina
jesusnascimento@hotmail.com**Aline Cruz**Universidade do Estado de Santa Catarina
aline897@gmail.com**Elaine Oliveira Lucas**Universidade do Estado de Santa Catarina
lanilucas@gmail.com**Resumo**

Pesquisa exploratória e descritiva que analisa os artigos que tratam do tema 'usuário da informação', publicados em 13 revistas científicas brasileiras, da área de biblioteconomia e ciência da informação, no período de 13 anos, entre 2001 e 2013. Do ponto de vista metodológico, o estudo se baseia na literatura da área, com foco nos conceitos de usuário da informação, estudos de usuário e Bibliometria. A análise quantitativa tem como principal objetivo mapear a produção científica e explicitar indicadores que possam contribuir para os estudos da disciplina Usuário da Informação e para subsidiar as políticas científicas do campo. Os resultados mostram as revistas mais produtivas, a evolução cronológica da produção que cresceu nos últimos seis anos do período analisado, a distribuição geográfica das instituições produtoras dos artigos, a produtividade dos autores e a colaboração entre os pesquisadores. Embora a região sudeste tenha a maior produção, devido ao número de instituições com cursos de pós-graduação, as duas autoras mais produtivas são de outras regiões do país. Uma delas é professora de mestrado no nordeste brasileiro e a outra é professora de graduação de uma universidade do sul país. A maioria dos artigos procede da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, mas não são exclusividade dessas áreas; porém, foram poucas as colaborações entre diferentes áreas ou instituições. Há indícios de consolidação de apenas três grupos de egrégios pesquisadores.

Palavras-chave: Usuário da informação. Usuário nas revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Autores produtivos. Colaboração científica. Grupos de pesquisa.

Abstract

This research is an exploratory and descriptive study that analyzes the 'information user' subject articles published in thirteen Brazilian scientific journals on Library and information science during thirteen years, between 2001 and 2013. From the methodological point of view, the study is based on this area literature focused on the information user, on user studies and Bibliometric concepts. The quantitative analysis aimed to map the scientific production and explicit indicators to help the information user subject and scientific politics. The results show the most productive journals, chronological development of scientific production that increase in the last six years of the study period, geographic distribution of article production institution, author productivity and collaboration between researchers. Although the south-east region has the biggest production, because of the number of institution with postgraduate courses, the two more productive authors are teachers, one in the masters degree in Brazilian north-east and the other, in a graduate course in an university in the south of the country. The majority articles arise from Library and Information Science area but it isn't an exclusive of this subject, however there were few collaborations between different areas and institutions. There are signs to steadiness only three groups of distinguished researchers.

Keywords: Information users. Users in Library and Information Science journals. Productive authors. Scientific collaboration. Research group.



1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem-se discutido muito sobre a natureza da Ciência da Informação e sua característica multidisciplinar, que engloba teorias provenientes de outras disciplinas para dar suporte às pesquisas em seus sub-ramos, como nos estudos de usuários, provavelmente o mais multidisciplinar de todos, pois envolve o sujeito e aspectos psicológicos, sociais e tecnológicos.

No dizer de Barreto (2006, p.1), “a informação é qualificada como um instrumento modificador da consciência e da sociedade como um todo” e produzida como uma cultura de muitas vozes cuja história, nos últimos cinquenta anos, se entrelaça com a própria história do século XX, quando surge e se prolifera em grandes e importantes inovações, conforme Barreto (2011).

São inúmeros os conceitos e abordagens referentes à informação, tanto os utilizados na área de Ciência da Informação quanto na literatura não especializada e, embora não se pretenda aprofundar essa discussão, não se pode desprezar a diversidade de enfoques sobre o que é informação em seus aspectos teóricos, pragmáticos, científicos, tecnológicos e sociológicos na atual Sociedade da Informação. Barreto (2003, p.2) entende que “Sociedade da Informação é o espaço em que se torna universal o acesso aos conteúdos de informação dos estoques de documentos, para todos os habitantes de uma realidade”.

Também é diversa a visão de como a informação influencia a sociedade e é por ela influenciada, assim como é infinito o número de indivíduos que a utilizam com diferentes objetivos, peculiares às situações e ou às necessidades de cada um. Portanto, na sociedade da informação, todo indivíduo – letrado ou não – é, no mínimo, um usuário em potencial da informação; e todas as dificuldades para buscá-la ou para usar as tecnologias relativas a ela constituem-se em barreiras que devem ser superadas para que se consolide o acesso, a acessibilidade e a usabilidade. Não basta o acesso ao documento, à unidade ou ao sistema: o importante é o acesso ao conteúdo da informação.

Se, por um lado, os avanços da comunicação têm permitido um desenvolvimento mais acelerado da ciência e da tecnologia, por outro, a investigação científica tem grande influência no desenvolvimento econômico e social dos países, embora no Brasil a política científica tenha passado por períodos de avanços e retrocessos e diferentes enfoques em diferentes décadas, até 2001-2010 “com a consolidação do uso da internet e o movimento de acesso livre à informação” conforme Silva; Garcia (2014, p.1).

Com base na informação, em seu sentido mais amplo, como matéria-prima abstrata e insumo básico para a produção, divulgação e aquisição de conhecimentos por indivíduos pensantes, capazes de assimilá-la e usá-la, emprega-se o termo ‘usuário’. No enfoque de Sanz Casado (1994, p. 19), usuário da informação é aquele indivíduo que necessita de informação para desenvolver suas atividades. Dessa maneira, todo ser humano é usuário da informação por ser esta imprescindível para suas atividades pessoais ou profissionais. Diversas são as definições, teorias, métodos, áreas e pesquisadores que tratam do usuário da informação, preocupação que perpassa por vários domínios e caminhos científicos e tecnológicos.

O termo ‘usuário’, para de Costa; Silva; Ramalho (2009), nunca foi tão utilizado nos diversos campos do saber relacionados à informação. Esses

enfoques consolidam a característica multidisciplinar da Ciência da Informação, principalmente no tocante aos 'estudos de usuário', que se define como:

O conjunto de estudos que analisam qualitativa e quantitativamente os hábitos de informação dos usuários, mediante a aplicação de distintos métodos, entre eles os matemáticos – principalmente os estatísticos – ao consumo da informação. (SANZ CASADO, 1994, p. 31).

Além da tipificação qualitativa e quantitativa, os estudos de usuários podem ser caracterizados em dois tipos: abordagem clássica ou tradicional, mais centrada no sistema, com enfoque na coleção, no conteúdo, na tecnologia e nos serviços de informação que o usuário utiliza; e a abordagem alternativa ou moderna, centrada no próprio usuário.

Ao longo dos anos, a variada terminologia empregada para denominar os diversos estudos com foco no usuário reflete a constituição dos saberes, fazeres e usos de múltiplos métodos de estudo, embora muitos expressem falhas teórico-metodológicas e as mudanças paradigmáticas relativas a tal temática.

Na trajetória interpretativa sobre usuário e uso da informação nos artigos de revisão de literatura no *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), notam-se as seguintes mudanças: de 1966 a 1967 era usada a terminologia 'Necessidade e uso da informação em ciência e tecnologia'; de 1968 a 1990, 'Necessidade e uso de informação'; e, a partir dos anos 2000, evidencia-se o termo 'Comportamento informacional'. Como observa Rabello (2013, p.155), "os estudos passaram a considerar a dimensão social da informação, bem como as noções de interação e de contexto junto à ação dos sujeitos que fazem uso, produzem e se apropriam de informação e conhecimento".

Wilson (2000) identificou três categorias de necessidades pessoais inter-relacionadas: fisiológica, afetiva e cognitiva. Além disso, sugeriu que se retire do vocabulário profissional a expressão 'necessidade de informação' e, em vez de 'busca da informação', se pense em 'satisfação das necessidades'.

Para Gasque (2010, p.31), "a evolução conceitual dos 'estudos de usuário' para 'estudos de comportamento informacional' reflete a necessidade de se compreender os processos em uma perspectiva multidimensional." Comportamento informacional – foco dos estudos registrados no ARIST – substitui a nomenclatura 'necessidade e uso de informação', utilizada nos artigos publicados internacionalmente em décadas passadas.

Os estudos de usuário, cujo paradigma antes era centrado na unidade de informação, agora tem seu foco no indivíduo, embora esses estudos continuem limitados pelo instrumento teórico-metodológico. Para Gasque (2011, p. 23), entre outras tendências, isso indica o 'processo permanente de busca e uso de informação dos indivíduos' em uma 'abordagem multifacetada, englobando aspectos cognitivos, social, social-cognitivo e organizacional'.

Em síntese, os estudos de usuário tratam de práticas informacionais tanto na vida organizacional e acadêmica quanto no cotidiano do indivíduo que pode suprir suas necessidades em diversas unidades de informação (arquivos, bibliotecas, museus) de origem escolar, de órgãos públicos, de organizações não governamentais, de instituições e de igrejas, entre outros

como também através das tecnologias da informação, especialmente da Internet. Portanto, é evidente a necessidade de ser ampliado o escopo dos estudos de usuário para um público mais diversificado, com enfoques multifacetados e abordagens metodológicas de outras disciplinas.

Resta saber se os artigos que tratam do usuário da informação, publicados nos últimos anos nas revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação, acompanham a evolução terminológica e os paradigmas de comportamento de busca e uso de informação.

Além do estudo das abordagens teórico-metodológicas, da compreensão da história e dos saberes acumulados da ciência em questão, a reflexão sobre o domínio de uma área específica do conhecimento exige o estudo da produção científica, principalmente a divulgada na literatura periódica, para conhecer seus atores (autores, veículos de comunicação, instituições e grupos de pesquisa) e também acurada análise terminológica do discurso científico.

No Brasil, embora prolifere, cada vez mais, a produção de informação na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, ainda é incipiente a preocupação com estudos dos sub-ramos e temáticas específicas. A literatura registra uma quantidade de estudos sobre a produção científica da área como um todo e quase nada sobre a produção por disciplina ou item informacional.

São muitas as pesquisas sobre ‘Estudos de usuário’ e ‘Necessidades, buscas e uso de informação’ de diferentes tipos de usuário, porém são escassos os estudos que analisam, em esfera nacional, a produção científica sobre a temática ‘Usuários da Informação’. Faltam aqueles que tratem do usuário em abordagem longitudinal, em sua mais ampla acepção, tanto na Ciência da Informação quanto nos artigos que provêm de outras áreas do conhecimento.

A literatura de Ciência da Informação registra os seguintes estudos: Araújo (2009) mapeou os artigos sobre ‘estudos de usuário da informação’ publicados em sete periódicos brasileiros entre 1998 e 2007; Hyodo (2009) analisou a temática ‘necessidade de informação’ na revista Ciência da Informação de 1997 a 2007; Nascimento (2010) analisou a estrutura dos planos de ensino da disciplina de ‘Usuário da Informação’ ministrada entre 2007 e 2009 nos cursos de Biblioteconomia das universidades brasileiras; Nascimento (2011) descreveu a origem, histórico e desenvolvimento dos ‘estudos de usuário’, desde a década de 1970, e a disciplina no currículo de Biblioteconomia; e Ramalho (2012) pesquisou os estudos sobre ‘necessidade de informação’ na revista Informação e Sociedade: Estudos, no período de 2002 a 2011.

Segundo Silva *et al.* (2012, p.20), “a avaliação e o monitoramento da produção científica são atividades contributivas ao mapeamento da composição e da produtividade de pesquisadores, grupos e instituições”. Dessa forma, contribuem para a tomada de decisão e gestão de políticas públicas cujos indicadores de avaliação permitem identificar o grau de maturidade (evolução, estagnação ou retrocesso) e consolidação de determinadas áreas.

São vários os indicadores de avaliação da produção científica, podendo-se citar o *índice h*, considerado um dos indicadores bibliométricos mais utilizados Reverter-Maià *et al.* (2013), e o tão questionado fator de impacto, entre outros métodos quantitativos e ou técnicas da Bibliometria, Infometria e Cientometria que constituem uma diversidade de conceitos,

termos e vertentes bem diferenciados por Silva *et al.* (2012) analisados por Bufrem; Prates (2005) que devem ser citados, embora não sejam objeto de estudo desta pesquisa.

Considerando que a Bibliometria é um dos métodos científicos mais utilizados pela Ciência da Informação, o termo foi utilizado pela primeira vez em 1969, por Alan Pritchard, e suas definições e leis foram abordadas e discutidas por Ferreiro Alàez (1993), tomamos como base teórica a definição:

Bibliometria é a técnica da investigação bibliográfica que tem por fim, por um lado, analisar o tamanho, crescimento e distribuição da bibliografia em um campo do conhecimento e, por outro, estudar a estrutura social dos grupos que a produzem e a utilizam (FERREIRO ALÀEZ, 1993, p.18).

O tratamento quantitativo e ou a aplicação de métodos estatísticos e matemáticos à produção, distribuição e divulgação da informação científica, ou ao suporte físico (a documentação científica), são técnicas da Bibliometria que podem servir de instrumento eficaz para mapear e avaliar determinada área do saber e subsidiar tomadas de decisão em termos de política científica ou institucional.

Se, por um lado, os avanços da comunicação têm permitido um desenvolvimento mais acelerado da ciência e da tecnologia, por outro, a investigação científica tem grande influência no desenvolvimento econômico e social dos países. A demanda de recursos para pesquisa tem originado a necessidade de avaliar a atividade científica e sua produtividade, mormente na atividade acadêmica e de pesquisa desenvolvidas nas universidades que demandam investimentos públicos e deles se beneficiam. Entre outros critérios de avaliação, um dos mais diretos para avaliar a produção científica, segundo avalia Reverter-Masià *et al.* (2013), é a publicação científica.

É imprescindível que a ciência divulgue sua produção; e, como afirma Ziman (1969), para ser científico, o conhecimento deve tornar-se público, pois a “comunicação é essencial para a pesquisa científica”. Dessa forma, o periódico científico, conforme Arboit; Bufrem (2010) é o canal de divulgação do conhecimento mais utilizado pela comunidade científica, pois proporciona a disseminação e a ampliação dos conhecimentos científicos. Portanto, constitui-se no meio mais adequado para mapear determinada área temática.

Em face de suas políticas editoriais, do procedimento de avaliação cega (*blind review*) e das qualificações segundo o ‘Qualis’, da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES), que lhe afere a qualidade, o periódico científico desempenha importante função para o desenvolvimento científico como meio de comunicação, como regulador dos padrões de qualidade da ciência e como indicador das instituições mais evidentes, dando prestígio, reconhecimento e visibilidade aos autores e grupos de pesquisa.

Assim sendo, a análise de artigos de revistas científicas é uma modalidade de pesquisa reconhecida pela comunidade acadêmica que busca elucidar, através das publicações de trabalhos desenvolvidos em determinado contexto social e geográfico e em dado momento histórico, as mudanças e incrementos num ramo específico do conhecimento humano, constituindo-se em forte indicador para subsidiar as políticas científicas.

No que diz respeito às políticas científicas, Mugnaini *et al.* (2004) apontam quatro tipos de indicadores de avaliação: de insumo, de processos de produtos e de impacto. A fragilidade desses indicadores é tema de antiga

discussão na literatura, abordada por diversos autores, como resumem Martins; Ferreira (2013), ao mesmo tempo em que enfatizam a importância de avaliar os resultados da produtividade científica dos pesquisadores pelo modo como eles colaboram entre si e formam redes de colaboração científica.

Além dos produtos, processos e serviços tecnológicos, a produção científica dos professores/pesquisadores é um dos principais parâmetros de avaliação nas instituições de ensino superior. Como colocam Perucchi; Garcia (2011, p. 245): “é oportuno conhecer a autoria da produção científica e tecnológica dos grupos de pesquisa para compreender e refletir o fazer pesquisa, produzir e divulgar conhecimento, oferecendo subsídios para as diretrizes e as políticas institucionais”.

Se o pesquisador deve divulgar e multiplicar o conhecimento científico, é importante também que produza trabalhos em coautoria com seus pares, pois de acordo com Bordim; Gonçalves; Tedesc (2014), a colaboração científica é uma das características da ciência moderna que traz inúmeras vantagens, tanto para o pesquisador, quanto para a área e para a instituição em que atua. A vantagem de publicar em coautoria com mais intensidade e com a maior diversidade de autores possível é que a rede de colaboração é benéfica tanto para a área temática quanto para o pesquisador, pois, além de contribuir para o incremento de novos saberes, ajuda a dar maior visibilidade ao pesquisador.

Portanto, a análise das variáveis autor/autoria e redes de colaborações científicas são indicadores imprescindíveis para mensurar a atividade científica de determinada área ou sub-ramo do saber e para avaliar o desempenho da pesquisa em determinada instituição, região ou país.

Para Melin (2000 *apud* Martins; Ferreira 2013), a colaboração científica entre pesquisadores se deve a questões pragmáticas e do interesse em melhorar sua própria produção. Liao (2011) define diversidade como a quantidade de diferentes parceiros/colegas com os quais um pesquisador se relaciona e sua intensidade de troca: quanto mais um pesquisador for central em sua rede de relacionamento, maiores serão as recompensas em termos de citações, prêmios e fator de impacto. Essa ideia coaduna com a de Abbas *et al.* (2011 *apud* Martins; Ferreira, 2013), de que os pesquisadores com alta intensidade de conexões com seus colegas, em repetidas colaborações, tendem a ter melhor desempenho do que pesquisadores com menos conexões.

Nessa linha de pensamento, fundamenta-se e justifica-se a preocupação em analisar os artigos que tratam do ‘Usuário’ divulgados nas principais revistas nacionais da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação nos últimos anos. Portanto, o *corpus* desta pesquisa permite tipificar a produção científica dessa temática no contexto geopolítico brasileiro, com vistas a uma reflexão da ação investigativa, identificando os principais veículos de comunicação, atores e ou produtores e instituições de grupos de pesquisa.

Pretende-se, assim, colaborar com os órgãos de fomento à pesquisa ao se identificar tanto os atores que mais pesquisam e divulgam nessa temática quanto os grupos de pesquisa mais consolidados, contribuindo, embora modestamente, para a qualidade da atividade científica e para o incremento da contribuição social da Ciência da Informação.

2 OBJETIVOS

Caracterizar um recorte da Ciência da informação, precisamente a temática que trata do 'Usuário' em nível nacional, é a inquietação que norteia esta investigação. Conhecer quem está publicando o quê, quando e onde é uma das curiosidades que motivam o mapeamento dessa temática. Pretende-se também identificar a origem da produção científica em termos institucionais e os núcleos de excelência que investigam o usuário neste e em outros domínios. Para tanto, dos artigos divulgados em treze revistas da área, que constituem o *corpus* desta pesquisa, serão colhidos dados quantitativos que sirvam de indicadores de monitoramento para a melhoria do foco temático em questão. Por fim, objetiva-se fornecer indicadores que possam servir de subsídio para futuras pesquisas e contribuam com a disciplina 'Usuário da Informação' e com políticas científicas.

Objetivos específicos: levantar quais são as revistas de Biblioteconomia e Ciência da informação que mais divulgam artigos sobre 'usuário da informação'; observar o crescimento da literatura na linha do tempo; identificar os atores (autores, coautores e instituições) produtores; explicitar a procedência institucional e geopolítica da produção; averiguar os outros idiomas de publicação dos artigos além do português; determinar os autores mais produtivos; verificar se os artigos são frutos de iniciativas individuais ou resultam de trabalhos de múltipla autoria; evidenciar os grupos de pesquisa e a rede de colaborações; colaborar com o aprimoramento da disciplina 'Usuário da Informação'; apresentar resultados que possam nortear os rumos de novas pesquisas; fornecer indicadores capazes de subsidiar as políticas científicas e o incrementar a função social da Ciência da Informação.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa exploratória e descritiva, de caráter longitudinal, com abordagem quantitativa, cujo procedimento metodológico consiste de um estudo bibliométrico. Ou seja, análise quantitativa e descritiva dos artigos publicados em revistas brasileiras da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, contemplando as variáveis: autor, autoria, idioma de publicação e instituições produtoras no período de 13 anos, de 2001 a 2013.

Após revisão bibliográfica exploratória da literatura especializada, delimitou-se como *corpus* de estudo os artigos das revistas que mais publicaram, na linha do tempo, sobre o tema "Usuário". Inicialmente a busca foi feita no Banco de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na base de dados *Scientific Electronic Library on-line* (SciELO), biblioteca eletrônica que indexa periódicos científicos e nos próprios periódicos eletrônicos. A busca pelos termos 'Usuário da Informação', 'Necessidade da Informação', 'Usuário da Informação', 'Uso da Informação' 'Satisfação do usuário' e 'Comportamento informacional' não recuperou expressiva massa de artigos.

Embora ciente de que as palavras-chave potencializam o acesso e facilitam a recuperação da informação, elas traduzem o pensamento dos autores. Portanto, além de expressarem uma diversidade terminológica, nem sempre os termos de busca estão explicitamente representados.

Considerando que nem todo 'estudo de usuário' está representado nas palavras-chave e que muitos artigos que apresentam o termo 'usuário' são 'estudos de usuário', decidiu-se incrementar a busca nos títulos e resumos dos artigos nas próprias revistas disponíveis na rede mundial de

computadores só pelo termo 'usuário' e fazer o refinamento da busca através da leitura do resumo, da metodologia e, quando necessário, das considerações finais. Assim, seria possível identificar os artigos com foco no 'usuário', que o envolvem na participação do estudo, e os que abordam temas teóricos metodológicos sobre o 'estudo de usuários', a fim de formar o *corpus* desta pesquisa. Os que apenas mencionam o usuário não se constituem objeto do estudo.

Tendo em vista os diversos enfoques da informação, a característica multidisciplinar da Ciência da Informação, a diversidade de tipologias de usuários e as múltiplas necessidades e comportamentos de busca da informação, o presente estudo buscou artigos que envolvessem o usuário em seus mais variados enfoques investigativos.

Para efeito deste estudo foram considerados os diferentes tipos de usuário, de diversas unidades, suportes – físicos ou não – tanto o indivíduo em si quanto a instituição, empresa ou organização que utiliza a informação e os estudos de acessibilidade e usabilidade.

Para tanto, observou-se a tipologia quanto ao acesso à informação em: usuário real – aquele que usa determinada unidade de informação; usuário potencial – aquele que deveria usar, mas não o faz; usuário presencial – aquele que utiliza *in loco* a unidade de informação; usuário remoto – aquele que utiliza unidade de informação através do atendimento eletrônico, ou seja, usuários que utilizam a informação a distância, da mesma forma que o fazem a categoria de usuários da rede mundial de computadores. Quanto ao uso da informação, pode-se classificar os usuários como consumidores e/ou consumidores/produtores, que são os pesquisadores, autores que produzem e publicam informação.

Algumas questões como falhas em alguns sumários que não arrolavam todos os artigos de determinados volumes, falta de informação precisa na identificação do vínculo institucional dos autores em algumas revistas; mudança de sobrenome de alguns e a mobilidade institucional de certos pesquisadores no decorrer do período analisado dificultaram o andamento deste estudo.

Para uniformizar os dados, alguns critérios foram adotados: considera-se 'autor' o indivíduo que publica um ou mais artigos; e 'autoria' o conjunto de autores e colaboradores que publicam juntos. Não foi diferenciado o autor principal do coautor por falta de itens de identificação, em quase todos os artigos, que garantissem a credibilidade dos dados.

Como política científica gira em torno dos objetivos das instituições, porque, assim como organismos financiam pesquisas, elas subsidiam projetos, ou pelo menos pagam o salário do pesquisador e, como o lugar de publicação nem sempre corresponde ao de origem do autor, a localização geográfica dos artigos foi determinada pela instituição de filiação do autor no momento da publicação do próprio artigo.

No caso dos autores com mais de uma instituição, priorizou-se o primeiro vínculo empregatício citado. Para os que citaram apenas a titulação e para os estudantes, foi considerada a instituição do curso de mais alto nível acadêmico ou onde desenvolveu a pesquisa. Como os dados de identificação nem sempre foram claros, considerou-se a instituição maior, a sigla mais conhecida das universidades e não a dos diferentes centros, departamentos ou outros setores.

Para determinar a produção científica institucional foi atribuído um ponto para cada artigo e, no caso de múltiplas autorias de diferentes instituições, o ponto foi dividido equitativamente pelo número de autores, independentemente de ser estudante, professor orientador ou qualquer profissional colaborador.

4 RESULTADOS

Os artigos que constituem o *corpus* do estudo foram publicados nas revistas: Informação e Sociedade: Estudos (Inf. & Soc.), Perspectivas em Ciência da Informação (Perspec.), Ciência da Informação (Ci. Inf.), Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação (Enc. Bibli), Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina (Rev. ACB), Transinformação (Transinf.), Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RDBCI), Informação e Informação (Inf. Inf.), DataGramZero (DGZ), Em Questão: revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS (Em Questão), Ponto de Acesso (Ponto Acess.), Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB) e InCID: revista de Ciência da Informação e Documentação (InCID), como se pode visualizar na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1: Artigos Publicados nas Revistas de 2001 a 2013

Revistas/Ano	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	Total
Inf & Soc.	2	1	6	3	-	1	-	3	3	4	3	4	6	36
Persp. CI	1	1	-	5	-	-	4	3	1	3	4	4	5	31
Ci. Inf.	1	5	4	4	2	4	4	1	2	2	1	-	-	30
Enc. Bibli.	-	2	-	-	-	3	2	3	2	2	1	6	2	23
Rev. ACB	1	2	1	-	1	2	1	3	1	1	-	3	2	18
Transinf.	1	1	2	-	-	-	1	3	2	2	2	2	1	17
RDBCI	-	-	-	2	4	-	1	3	-	2	1	2	-	15
Inf. Inf.	-	-	-	-	-	-	-	1	1	4	-	3	5	14
DGZ	-	-	-	1	1	-	1	1	3	1	-	2	1	11
Em Questão	-	-	2	-	1	-	-	2	2	1	-	-	1	09
Ponto Acesso	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3	-	-	2	08
RBBB	-	-	-	-	-	-	-	5	-	1	1	-	-	07
InCID	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	5	-	07
TOTAL	06	12	15	15	09	10	15	29	18	26	15	31	25	226

Fonte: Dados da pesquisa

As treze revistas escolhidas gozam de prestígio na comunidade científica por serem expressivas e divulgarem a garantia literária da área de forma atual e com qualidade, pois contam com comissão editorial composta por profissionais de renome e, principalmente, por terem Qualis da CAPES, entre A1 e B1.

A Tabela 1 apresenta as revistas em ordem decrescente de produtividade, sendo a mais produtiva com 36 artigos, e a menos produtiva com apenas sete (7). Nem todas as revistas publicaram artigos sobre usuário durante o período analisado, tendo sido as mais constantes as três mais produtivas: Informação e Sociedade, com 36 artigos; Perspectivas, com 31; e Ciência da Informação, com 30, enquanto as menos constantes foram também as com menor número de artigos.

O número de artigos publicados não qualifica nem desqualifica a revista, apenas dispõe a produção ao longo do tempo e pode, no máximo, retratar as tendências editoriais por ano de publicação. Não se pode fazer comparações porque cada uma tem suas características de periodicidade e longevidade: enquanto algumas são tradicionais, outras são menos longevas,

como a InCID, que surgiu em 2010. Há também as que dedicaram números ao tema, concentrando mais artigos em determinados anos, e outras tiveram a produção distribuída ao longo do período.

O total de 226 artigos publicados no período de 13 anos dá a média de 17,3 artigos publicados por ano. A produção anual, até 2007, ficou abaixo da média com o menor número de publicações sobre o tema: seis artigos, no ano de 2001. A partir de 2008, a produção passa a ser acima da média, à exceção do ano de 2011, com 15 publicações; os demais anos superaram esse valor, destacando-se 2012, com 31 artigos.

A procedência dos artigos foi determinada pelas instituições dos autores e distribuída por localização dos estados e regiões na Tabela 2: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade da Cidade do Rio de Janeiro (UniverCidade), Universidade do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande do SUL (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Ceará (UFC – Campus Cariri), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal do Pará (UFPA).

A região mais produtiva foi a Sudeste, com 84,72 pontos (37,4%); a segunda mais produtiva foi a Região Sul, com 51,41 pontos (23%); a Região Nordeste vem em terceiro, com 45,43 pontos (20,1%); a Região Centro-oeste com 30,62 pontos (13,5%); e a Região Norte com apenas 1 ponto (0,4%). Os artigos procedentes de instituições estrangeiras somaram 9,82 pontos, o que equivale a 4,3%; e três artigos, 1,3% do total, não identificaram a instituição.

As universidades mais produtivas são a UFMG, com 38,89 pontos, por ter maior número e diversidade de autores; e a UFPB, com 23,80 pontos, por contar com os autores mais produtivos, seguida pela UnB, com 16,73 pontos, e a UFSC, com 15,33. Em sua maioria, esses artigos resultam de pesquisas provenientes dos cursos de mestrado e doutorado, à exceção da UDESC, cujos artigos são provenientes da graduação, como constatou Araújo (2009). A expressiva produção de 10,50 pontos coloca a UDESC entre instituições como USP, com 10,83 pontos, e UNESP, com 10,25 pontos.

Excetuando as universidades, o IBICT foi a instituição com maior produção, cuja pontuação resultou de 3 artigos do mestrado do IBICT/UFRJ, no Rio de Janeiro, e 4,75 pontos provenientes de sua sede, em Brasília. As instituições com um ponto ou menos – UFES, UFPA e UFMT – por serem as únicas em seus respectivos estados, foram especificadas na Tabela 2, e as demais ficaram no item “OUTRAS”, que inclui trabalhos que contam com a colaboração de bibliotecários, acadêmicos e outros profissionais, autores que publicaram uma única vez.

Quanto aos artigos oriundos do exterior, temos: no idioma espanhol,

três do Uruguai, um de Cuba e um do México; há apenas um, da Universidade do Norte da Colômbia, em língua inglesa; os outros seis estão em língua portuguesa, inclusive um feito por autores de universidades portuguesa e espanhola, e os outros são coautorias entre pesquisadores de universidades do exterior e do Brasil, particularmente da UnB, USP, UFSC, UFC e UFRN.

Esses doze artigos totalizaram 9,8 pontos para os autores estrangeiros; foram publicados três na Informação e Sociedade, dois na Ciência da Informação, dois na Perspectivas em Ciência da Informação, dois na Datagramazero, um na Encontros Bibli., um na Transinformação e um na Revista ACB.

Os dados demonstram que é insignificante a publicação de trabalhos resultantes de pesquisas feitas em colaboração entre autores brasileiros e estrangeiros, e que não há nenhuma entre os latino-americanos, fato já constatado por Nascimento (2008). Entretanto, ficou claro que as revistas brasileiras estão abertas à divulgação de trabalhos provenientes de outros países e até mesmo em outros idiomas, embora seja irrisório o número de artigos hispanófonos, 2,21%, e quase zero os anglófonos, com apenas 0,44%.

Quanto à autoria, foram identificados 373 autores com um ou mais artigos, totalizando 492 autorias. Na Tabela 3, vê-se que dos 226 artigos, 71, que equivalem a 31,40%, foram produzidos por autores individuais, representando 14,43% do total de autorias. Os demais 155, que correspondem a 68,60% do total, foram artigos de múltipla autoria, feitos em colaboração entre dois ou mais autores, isto é, 85,60% das autorias. A média dessas múltiplas autorias é de 2,55 autores por artigo; mas, ao computar o total de artigos, incluindo os de autoria única, a média geral cai para 2,17.

Tabela 2: Instituição de Origem dos Autores por Estado e Região

REGIÃO	ESTADO	INSTITUIÇÃO	PONTOS	PONTOS por Estado	PONTOS por Região
S U D E S T E	Minas Gerais	UFMG	38,89		
		OUTRAS	2,75	41,64	
	São Paulo	USP	10,83		
		UNESP	10,25		
		PUCAMP	3,00	31,58	
		UFSCAR	2,00		
	Rio de Janeiro	OUTRAS	5,50		
		IBICT/UFRJ	3,00		
		UFF	2,00		
		UniverCidade (RJ)	2,00	10,50	
	OUTRAS	3,50			
Espírito Santo	UFES	1,00	1,00		
S U L	Santa Catarina	UFSC	15,33		
		UDESC	10,50	31,66	
		OUTRAS	5,83		
	Rio Grande do Sul	UFRGS	6,50		
		UFSM	5,00	14,00	
		OUTRAS	2,50		
Paraná	UEL	2,75			
	UFPR	2,34	5,75		
	OUTRAS	0,66			
N O R D E S T E	Paraíba	UFPB	23,80	26,13	
		IFPB	2,33		
	Pernambuco	UFPE	6,00	6,00	
	Ceará	UFC	4,82	4,82	
	Rio Grd. Norte	UFRN	2,83	2,83	45,43
	Alagoas	UFAL	2,16	2,16	
	Bahia	UFBA	1,83	1,83	
	Maranhão	UFMA	1,33	1,66	

		OUTRA	0,33		
C E O N E T S R T O E	Brasília	UnB	16,73		
		IBICT	4,75	26,79	
		OUTRAS	5,31		
NORTE	Goiás	UFG	2,0	2,83	30,62
		OUTRAS	0,83		
	Mato Grosso	UFMT e OUTRAS	1,00	1,00	
	Pará	UFPA	1,00	1,00	1,00
EXTERIOR - Diversos Países e Várias Instituições					8,82
INSTITUIÇÕES NÃO IDENTIFICADAS					4,00
TOTAL GERAL					226

Fonte: Dados da pesquisa

A Tabela 3 mostra o predomínio de 94 artigos, 41,60% do total, produzidos em dupla colaboração por 38,21% das autorias. Enquanto os artigos de autoria única, em conjunto com os de coautoria de dois autores, que totalizam 165, ou seja, 73% do total, foram produzidos por 52,64%, um pouco mais da metade da autoria; a outra quase metade, 47,36%, produziu apenas 27% dos artigos.

Tabela 3: Artigos / Autoria

Nº de autores por artigo	Nº de artigos	% de artigos	Total de autoria	% de autoria
1	71	31,40	71	14,43
2	94	41,60	188	38,21
3	34	15,04	102	20,73
4	18	8,00	72	14,63
5	4	1,76	20	4,07
6	1	0,44	6	1,22
7	2	0,88	14	2,85
8	1	0,44	8	1,63
11	1	0,44	11	2,23
TOTAL	226	100	492	100

Fonte: Dados da pesquisa

Os artigos de autorias múltiplas, com sete autores, representam 0,88% do total, e os com onze, oito e seis correspondem a apenas 0,44% cada. Quase todos os indivíduos que participaram das múltiplas autorias, com elevado número de coautores, publicaram uma única vez, à exceção de um artigo com oito, um artigo com sete e três artigos com cinco colaboradores, onde um ou dois autores publicaram outros artigos.

As múltiplas autorias elevadas ocorreram, principalmente, nos quatro primeiros anos do estudo: 2001, 2002, 2003 e 2004, embora também tenha havido pelo menos um caso, entre 2008 e 2013. Esses artigos são provenientes principalmente da USP e da UNESP, embora haja um caso em cada uma destas universidades: UEL, UFSC, UFPB e UnB.

Dentre os 155 artigos de múltipla autoria – 68,60% do total – 115, correspondentes a 50,90 %, são colaborações entre autores da mesma instituição, inclusive três entre autores de universidades estrangeiras. Os outros 40, isto é, 17,70 %, são coautorias de diversas procedências: 29 colaborações entre diferentes universidades brasileiras, incluindo 5 participantes do exterior; 10 são de professores universitários com outros profissionais de empresas, escolas, organizações, ministérios e com um bibliotecário independente; e um entre autores de duas universidades europeias: Portugal e Espanha.

Das colaborações entre diferentes instituições brasileiras destacam-se,

em ordem decrescente de número de coautorias interinstitucionais: a UnB com 10 artigos, UFMG e UFPB com oito cada, UFSC com sete, USP com cinco e UNESP e UFC com quatro cada. Estes artigos são colaborações de dois ou três autores vinculados, principalmente, aos cursos de mestrado e ou doutorado em Ciência da Informação, com exceção dos da UFSC, oriundos também dos programas de pós-graduação da Engenharia de Produção e Sistemas (EPS) e da Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC).

Na expectativa de encontrar proeminentes grupos de pesquisa, identificou-se nominalmente cada autor para determinar os mais produtivos e seu relacionamento com outros, destacando-se os que publicaram maior número de vezes juntos. A análise das autorias não diferenciou autor de coautor por falta de clareza dos dados de identificação dos artigos. Por isso, todos foram considerados autores no mesmo nível, até nos casos de orientador e orientando, pois nada garante que o superior ou o primeiro mencionado seja o autor principal. No entanto, a produtividade do autor pode indicar se ele é um pesquisador central ou não.

Os autores mais produtivos, em ordem decrescente de artigos publicados no período, são: RAMALHO, Francisca Arruda, com 11 artigos; NASCIMENTO, Maria de Jesus, com oito; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila, COSTA, Luciana, e DIAS, Guilherme Ataíde, com sete cada; CENDÓN, Beatriz Valadares, NASSIF, Mônica Borges, e SILVA, Patrícia, com seis cada; CUNHA, Murilo Bastos da, e GASQUE, Kelley Cristiane G. Dias, com cinco cada; CUENCA, Ângela Maria Beloni, RADOS, Gregório J. Varvakis, RIBEIRO, Nádia Ameno, SILVA, Jonathas Luiz Carvalho, e BARBOSA, Ricardo, com quatro cada; e, finalmente, BAPTISTA; Sofia Galvão, BOCCATTO, Vera Regina Casari, COSTA, Sely Maria de Souza, CRUZ, Ruleandson do Carmo, SILVA, Alan Cursino Pedreira da Costa, e VIDOTTI, Silvana Aparecida Bosetti Gregório, com três cada.

As duas autoras mais produtivas são da UFPB e da UDESC, resultado que coincide com o encontrado por Ramalho (2012). Os outros, com até sete artigos, são da UFPB, da UFMG e da UnB, e os com quatro e três, não vinculados a essas instituições, são da USP, UFSC, UFSCAR, UFC e UNESP. Em geral, salvo poucas exceções, esses artigos são frutos de pesquisa na pós-graduação.

Nem todos os autores mais produtivos publicaram mais de um artigo em colaboração com os mesmos autores e, como entre tantos que publicaram apenas dois, houve casos dos que o fizeram juntos duas vezes, principalmente as coautorias entre professor pesquisador e orientando, eles foram separados pelas instituições produtoras para identificar a rede de relacionamento.

Os 24 artigos cujos autores publicaram juntos duas vezes, ou seja, dois artigos da mesma dupla, ou do mesmo trio, são provenientes das seguintes instituições: UFPB, USP e UFPE, seis artigos; UFMG e UnB, quatro; UDESC, UFSC e UFC, dois; UFG e ou Colégio Marista, apenas um, devido à mobilidade institucional do autor. Esse resultado não é um somatório, considerando que os artigos podem ser frutos da colaboração de dois ou mais autores da mesma ou de diferentes instituições. Também não indicam a consolidação de grupos, nem a formação de redes de colaboração, embora se possa afirmar que a UFPB e a UnB foram as instituições que mais produziram colaborações interinstitucionais.

Observa-se que os artigos dos mesmos autores juntos em duas ou

mais colaborações foram publicados no mesmo ano ou em anos próximos, à exceção de dois com sete anos de diferença e em revistas diferentes; só uma dupla publicou os dois na mesma revista. Esses dados levam a crer que tais artigos resultam de atividade acadêmica ou continuação da mesma pesquisa, pois, embora os autores continuem a produzir ao longo dos anos, nunca mais voltam a fazê-lo juntos.

Os grupos de autores que mais publicaram juntos foram: RAMALHO, Francisca Arruda; Costa Luciana (UFPB); e SILVA, Alan Cursino Pedreiro da Costa (UFBA/UFAL), três artigos; DIAS, Guilherme Ataíde; e SILVA, Patrícia (UFPB), também três artigos; e CENDÓN, Beatriz Valadares; e RIBEIRO, Nádia (UFMG), quatro artigos. Essas colaborações intra e interinstitucional indicam tendência à consolidação de três grupos e da formação de uma rede de relacionamento entre esses autores. Resultado que ratifica a afirmativa de Lima (2011, p. 50) de que “essas práticas de coautoria indicam que o grupo de atores dominantes nas redes é formado majoritariamente por docentes [...]”. No entanto, outros atores disputam posições privilegiadas com o intuito de acumular capital científico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de mapear a produção científica que trata do usuário da informação, sub-ramo da Ciência da Informação, procedeu-se a uma abordagem investigativa na linha do tempo, do modo mais abrangente possível, tanto no expressivo número de revistas analisadas quanto no amplo período abordado, mas sem a pretensão de ser exaustiva nem completa. Buscou-se dar uma visão panorâmica, mais fidedigna possível, da produção dessa temática, em nível nacional, através da análise das variáveis: veículo de comunicação, data, idioma de publicação dos artigos, origem institucional, autor, autoria, rede de colaborações e formação de grupos de pesquisa.

As treze revistas analisadas gozam de prestígio na comunidade científica por terem “Qualis” da CAPES e serem produtivas, destacando-se as mais tradicionais na área: Informação e Sociedade, Perspectivas em Ciência da Informação e Ciência da Informação.

A média de produção de 17,3 artigos por ano é expressiva para um sub-ramo de área em fase de busca de teorias, de mudanças paradigmáticas e de absorção de inovadoras tecnologias da informação, em decorrência da amplitude do objeto de investigação: o ‘usuário’ aqui tratado numa perspectiva multidimensional, ampla concepção teórico-metodológica e diversidade tipológica. O *corpus* do estudo não se constitui apenas dos tradicionais artigos de ‘estudos de usuário’, pois ele não é exclusivo da disciplina ‘Usuário da Informação’, no domínio da Biblioteconomia e Ciência da Informação, mas é foco de diferentes disciplinas, reafirmando a característica multidisciplinar da Ciência da Informação.

O indício de tendência de aumento na produção de artigos nos últimos seis anos do período 2001 – 2013 não decorre apenas do surgimento de novas revistas, pois os dados demonstram o crescimento da produção da maioria, mormente das mais produtivas, com exceção da Ciência da Informação, que decaiu nos últimos anos analisados.

Esse crescimento deve-se também à diversidade de autores de outros ramos, principalmente da Tecnologia da Informação e da Engenharia e Gestão do Conhecimento, publicando nas revistas da área. Esse fato comprova a receptividade a autores provenientes de outras disciplinas e de

uma diversidade de instituições, inclusive de outros países, embora predomine a divulgação de artigos oriundos dos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação das universidades de várias regiões brasileiras.

Enquanto o Sudeste se destaca-se como a região com maior produção de artigos na temática 'usuário', no Norte ela é quase nula. Esse resultado equipara-se tanto à produção da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, quanto a toda produção científica brasileira ao longo de décadas, citando-se, entre os estudos registrados na literatura, os resultados de Morel; Morel (1977), segundo os dados do *Institute for Scientific Information* (ISI).

As universidades que se destacam como as mais produtivas são a UFMG, por sua diversidade de autores, e a UFPB, que conta com a autora mais produtiva. Os artigos dessas e das outras instituições mais produtivas resultam de pesquisas provenientes dos cursos de mestrado e ou doutorado e que, além de contarem com pesquisadores titulados, em geral, editam revistas de expressão nacional na área de Ciência da Informação.

À exceção da UDESC, cuja produção se equipara a algumas universidades que oferecem pós-graduação, os artigos são frutos da pesquisa na graduação, principalmente no Programa de Iniciação Científica, pois o mestrado profissionalizante, recém-implantado, não gerou nenhum artigo para este estudo, evidenciando que a universidade pode produzir informação e gerar conhecimento com pesquisa na graduação.

Fora as universidades, o IBICT foi a instituição com maior produção, porém pouco expressiva por se tratar do instituto que responde pela Ciência da Informação em nível nacional.

Apesar de as revistas estarem abertas à divulgação de artigos provenientes de outros países, seguem fechadas para o mundo devido à barreira linguística, pela falta de expressão do português no mundo científico e pelo irrisório percentual de artigos hispanófonos e quase inexistência dos anglófonos.

Esperava-se que esses dois idiomas fossem mais presentes nas revistas brasileiras, pelos seguintes fatores: afinidade linguística com o espanhol; por ser uma língua latina; pela proximidade geográfica como os demais países da América Latina, todos hispanófonos; por ser esse um dos idiomas oficiais de organizações internacionais voltadas para educação, ciência e cultura; e, principalmente, pelos laços que unem os países do Mercosul. No caso do inglês, obviamente, por ser este o idioma oficial da comunicação científica.

Dentre os mais produtivos, destacam-se em primeiro e segundo lugar duas autoras vinculadas à UFPB e à UDESC, respectivamente, corroborando os achados de Ramalho (2012). Na sequência vêm outros autores da UFPB, UFMG, UnB, USP, UFSC, UFC, UNESP, UFSCAR e UFAL.

Apesar da forte tendência à publicação de artigos de único autor, predominou a coautoria entre dois colaboradores. Esses autores juntos constituíram um pouco mais da metade da autoria e foram responsáveis por três quartos da produção, enquanto a outra parte dos autores, quase metade, produziu cerca de um quarto dos artigos.

As múltiplas autorias com muitos coautores foi tendência predominante nos primeiros anos do estudo e, em geral, são trabalhos de estudantes e seus professores orientadores, com a participação de bibliotecários e ou profissionais de outras áreas do conhecimento. Embora, em alguns casos, esses artigos tragam explicitamente que os autores

pertencem a determinado grupo de pesquisa, tal fato deve-se, provavelmente, a exigências de formalidades institucionais e dos órgãos de fomento, pois a maioria desses indivíduos publicou uma única vez, o que não caracteriza a consolidação de um grupo de pesquisa.

Nesses casos, há uma correlação inversa entre produção e múltipla autoria, pois quanto maior foi o número de coautores por artigo, menor foi o número de artigos publicados e também foi menor o número de vezes que a quase totalidade desses indivíduos voltou a publicar outros artigos. O que comprova que artigos com muitos colaboradores foi uma tendência que não se consolidou com o tempo além de indicar a descontinuidade dessas colaborações.

É irrisório o número de artigos de múltipla autoria que conta com a colaboração de autores fora do âmbito da universidade, bibliotecários e profissionais de outras áreas, demonstrando que o conhecimento é produzido em grande massa na pós-graduação, do que se infere que os mestrandos e doutorandos são autores pontuais e, em geral, quando deixam a universidade, raramente voltam a publicar.

A pequena parcela das colaborações interinstitucionais ocorreu entre autores que publicaram juntos esporadicamente, não se caracterizando como grupos consolidados; em raros casos há indícios da formação de grupos, pois foram identificados alguns autores publicando conjuntamente mais de dois artigos, em colaboração intra e interinstitucional.

A publicação de dois artigos pela mesma parceria é pouco significativa e provém de diversas instituições. As duas parcerias que publicaram junto três artigos são da UFPB/UFAL, e a que publicou junto quatro vezes é da UnB. Portanto, pode-se deduzir que há indícios de uma tendência à consolidação desses grupos que colaboraram com mais intensidade e a possível formação de uma rede de colaboração entre esses egrégios pesquisadores com relativo grau de centralidade.

É insignificante a publicação de trabalhos resultantes de pesquisas feitas em colaboração entre autores brasileiros e estrangeiros, e nenhuma entre os latino-americanos, como constatou Nascimento (2008). As poucas autorias e colaborações internacionais são de professores estrangeiros e de brasileiros atuando em universidades fora do Brasil.

Apesar das dificuldades enfrentadas no levantamento de dados, pela falta de acurácia, principalmente na incongruência terminológica das palavras-chave e pelas mudanças de nomes e ou de instituição de alguns autores, o desempenho do presente estudo não foi prejudicado.

A qualidade do *corpus* analisado garantiu resultados que atendem aos objetivos do estudo, dando uma visão panorâmica da produção científica da temática e contribuindo tanto para a garantia literária da disciplina Usuário da Informação, quanto fornecendo indicadores que subsidiem os órgãos de fomento. Apontam-se caminhos para novas pesquisas, sugerindo estudos de outras variáveis, como análise terminológica, e metodologias que também colaborarão para o incremento da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, Aline Elis; BUFREM, Leilah Santiago; FREITAS, Juliana. Configuração epistemológica da Ciência da Informação na literatura periódica brasileira por meio

de citação (1972-2008). **Perpsectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 1, p. 18-43, 2010. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em 26/03/2014.

ARAÚJO, Carlos A. Ávila. Um mapa dos estudos de usuário da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, jan./jun 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br./index.php/EmQuestão/searc/searc>. Acesso em 11/07/2014.

BARRETO, Aldo Albuquerque. As estruturas da informação no processo decisório do comportamento: o papel da fluência digital. **DataGramZero**, v. 7, n. 4, 2006. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>. Acesso em 05/03/2012.

BARETO, Aldo A. Gestão de significados em movimento: intertextualidades. **DataGramZero**, v. 12, n. 5, out. 2011. <http://www.dgz.org.br>. Acesso em 05/12/2012.

BARRETO, Aldo A. O tempo e o espaço da Sociedade da Informação no Brasil. **Informação & Informação**, v. 8, n. 1. jan./jul. 2003. Disponível em: www.uel.br. Acesso em 05/03/2012.

BORDIN, Andréa S.; GONÇALVES, Alexandre L.; TEDESCO, José L. Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria. **Perpsectivas em Ciência da Informação**, v. 19, n.2 p. 37-52. abr./jun. 2014. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em 28/08/2014.

BUFREM, Leilah; PATRES, Yara. O saber científico e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 2, p. 9-25, 2005.

COSTA, Luciana F.; SILVA, Alan Cursino P. da; RAMALHO, Francisca Arruda. (Re)visitando os estudos de usuário: entre a “tradição” e o “alternativo” **DataGramZero**, v. 10, n. 40, ago. 2009. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>. Acesso em 19/11/2013.

FERREIRO ALÀEZ, L. **Bibliometría**: análisis bivalente. Madrid: Eypsa, 1993, 480 p.

GASQUE, Kelly Cristina Gonçalves Dias. Pesquisa na pós-graduação: uso do pensamento reflexivo no letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1. p. 22-37, 2011. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ci/v40n1/a02v40n1. Acesso em 05/03/2013.

GASQUE, Kelley Cristine G. Dias; COSTA, Sely. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 1, p.21-32, 2010. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1/a02. Acesso em 05/03/2013.

HYODO, Tatiana. A literatura sobre necessidade de informação: uma análise a partir de artigos publicados no Brasil. **Encontros Bibli**, v. 14, n. 27, 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br>. Acesso em 19/11/2013.

LIAO, Chien Hsiang. How to improve research quality?: examining the impacts of collaboration intensity and member diversity in collaboration networks. **Scientometrics**, v. 86, n. 3, p.747-761. mar. 2011.

LIMA, Maycke Younge de. Coautoria na produção científica do PPGGeo/UFRGS: uma análise de redes sociais. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 1, p.38-51, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/wiew/1908>.

Acesso em 29/04/2014.

MARTINS, Dalton L.; FERREIRA, Sueli M. S. P. Mapeamento e avaliação da produção científica da Universidade de São Paulo com foco na estrutura e dinâmica de suas redes de colaboração científica. **Liinc em revista**, v. 9, n. 1, p. 181-195, maio 2013. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/513/394>. Acesso em 30/08/2014.

MOREL, Regina L. Moraes; MOREL, Carlos Médi. Um estudo sobre a produção científica brasileira, segundo os dados do Institute for Scientific Information (ISI). **Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, p. 99-109, 1977.

MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de M.; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, p. 123-131, maio/ago. 2004.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Planos de ensino de “Usuário da Informação” nos cursos de Biblioteconomia do Brasil. **DataGramZero**, v. 10, n. 1, fev. 2010. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>. Acesso em 10/03/2014.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Presença da literatura hispanófila em revistas eletrônicas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, v. 13, n. 26, 2008. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br>. Acesso em 21/07/2014.

NASCIMENTO, Maria de Jesus. Usuário da informação como produção científica e disciplina curricular: origem dos estudos e o ensino no Brasil. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n. 2, p. 42-71, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.sbu.campinas.br>. Acesso em 19/11/2013.

PERUCCHI, Valmira; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Autoria da produção científica e tecnológica dos grupos de pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. **Ciência da Informação**, v. 40, n. 2, p. 244-255, 2011.

RAMALHO, Francisca Arruda. Produção sobre necessidade de informação: em foco Informação & Sociedade: Estudos. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. Especial (2012). Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br>. Acesso em 19/11/2013.

RABELLO, Rodrigo. Leituras sobre usuário e uso da informação na Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n.4, 2013, p. 152-184. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em 12/03/2014.

REVERTER-MASIÀ, Joaquim; HERNÁNDEZ-GONZÁLES, Vicenç; JOVÉ-DELTELL, M. Carme; LEGAZ-ARRESE, Alejandro. Indicadores de producción de los profesores de Educación Física y Didáctica de la Expresión Corporal en España en la Web of Science. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 3, p.3-23, jul./set. 2013. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br>. Acesso em 05/11/2013.

SANZ CASADO, Elías. Manual de estudios de usuarios. Madrid: Pirámide. 1994.
SILVA, Paloma Edilene Maria; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. Política de Informação e Tecnológica no Brasil. **DatagramaZero**, v. 15, n. 4, ago. 2014. Disponível em: <http://www.dgz.org.br>. Acesso em 01/09/2014.

SILVA, Fábio M.; SOBRAL, Natanel V.; SANTANA, Guilherme A.; CRUZ, Tatyane L. Mapeamento da produção científica brasileira sobre acesso aberto: 2001 a 2011. **Encontros Bibli**, v. 17, n. esp. 2- III SBCC, p. 19-35, 2012. Disponível em:

www.periodicos.ufsc.br. Acesso em 21/07/2014.

WILSON, T.D. Recent trends in user studies: action research and qualitative methods. **Information Research**, v. 5, n. 3, april, 2000. Disponível em: <http://informationr.net/ir/5-3/paper76.html>. Acesso em 12/05/2011.

ZIMAN, John Michael. Information, Communication, Knowledge. **Nature**, n. 224, p. 318-324, 1969.